

ECONOMIA SOLIDARIA - ANÁLISE ESTRUTURAL E DE RELACIONAMENTO DE SEUS ATORES: O CASO DA REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA-PR

Gustavo Dambiski Gomes de Carvalho¹, Rúbia Oliveira Corrêa², June Alisson Westarb Cruz³

¹ Instituto Federal do Paraná - IFPR - gustavo.dambiski@gmail.com

² Instituto Federal do Paraná - IFPR - edrubia@gmail.com

³ Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR - june.cruz@pucpr.br

RESUMO

O presente estudo identificou a estrutura relacional e as motivações da Rede de Economia Solidária da Região Metropolitana de Curitiba. A pesquisa é caracterizada como estudo de caso, descritiva, quali-quantitativa e de corte transversal. Foram entrevistados dezesseis empreendedores integrantes da Rede de Economia Solidária supracitada. A coleta de evidências foi realizada através de entrevista e questionário semiestruturados. Observou-se que a rede está em fase embrionária de desenvolvimento, pois possui baixa densidade. No entanto, tem uma perspectiva de futuro relacional interessante, potencializado pela baixa distância entre os atores e motivado por seu principal ator, a organização Trilhas Incubadora Social Marista, cujo papel principal se estabelece justamente em articular e desenvolver novos empreendimentos. Por fim, foram verificados os diversos motivos que justificaram a participação dos integrantes do grupo de Economia Solidária da Região Metropolitana de Curitiba numa estrutura de rede, dentre os mais citados, a possibilidade de desfrutarem de capacitações promovidas pela rede.

PALAVRAS-CHAVE

Redes; Economia Solidária; Estrutura relacional; Motivações.

ABSTRACT

The present study has identified the regional and motivational structure of the Solidarity Economy in Curitiba Metropolitan Area. The research is characterized by being case study, cross section descriptive, quantitative and qualitative. Seventeen entrepreneurs were interviewed, all of them part of the mentioned Solidarity Economy Network. Gathering of evidence was accomplished by semi structured interviews and questionnaire. It has been observed that the referred network is still only embryonic since it presents low density. However, it has shown an interesting relational future perspective, strengthened by low distance between actors and also motivated by its main actor, Trilhas Incubadora Social Marista, whose main role is to articulate and develop new enterprises. At last, different reasons which led members of Solidarity Economy to participate in a structured network were verified, and among them it was the possibility of enjoying the training and qualification which are constantly promoted by it.

KEYWORDS

Networks; Solidarity Economy; Relational structure; Motivations.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a economia do Brasil cresceu durante 5 (cinco) décadas seguidas até a década de 1980, a qual foi caracterizada pela estagnação econômica e pela alta inflação. Nos anos 90, a economia destacou-se pelos avanços tecnológicos no mercado financeiro de forma global e pelas implementações de políticas neoliberais que reduziram a inflação, mas também provocaram o aumento no número de falências e, consequentemente, do desemprego (TAUILE; RODRIGUES, 2004). Nessa época, a Economia Solidária surgiu no Brasil, disseminando-se principalmente na década de 1990 (TAUILE; RODRIGUES, 2004).

Juntamente à Economia Solidária despontaram os empreendimentos de autogestão, formados por trabalhadores de empresas falidas que se reorganizaram em cooperativas para manter a produção e, consequentemente, seus empregos (TAUILE; RODRIGUES, 2004). Ainda em fase embrionária, a Economia Solidária necessita de políticas públicas para se desenvolver de modo amplo (POCHMANN, 2004). Um exemplo desse tipo de política é percebido no processo de incubação de cooperativas de autogestão por incubadoras universitárias (TAUILE; RODRIGUES, 2004).

Definida como “[...] o conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizadas sob a forma de autogestão” (MTE, 2014), a Economia Solidária possui quatro características principais: cooperação, autogestão, dimensão econômica e solidariedade.

Lisboa (2005) salienta, ainda, a existência de intercooperação, parcerias político-econômicas e porcentagem das cadeias produtivas relacionada às redes de empreendimentos solidários como indicadores de destaque no nível econômico.

Nesse contexto está inserido o conceito de redes, as quais são caracterizadas por atores interdependentes interconectados, que possuem objetivos comuns e compartilham e trocam recursos entre si de forma contínua ao longo do tempo (DO NASCIMENTO; LABIAK JUNIOR, 2011).

Reunindo os temas de Economia Solidária e Redes, o objetivo deste trabalho consiste em identificar a estrutura relacional e as motivações da Rede de Economia Solidária da Região Metropolitana de Curitiba. Diante deste propósito, esta pesquisa adentra um campo duplamente instigante. De um lado, investiga a estrutura física e as motivações de agentes reunidos em rede. De outro, aborda de forma teórico-empírica uma temática ainda pouco investigada pela comunidade científica brasileira – Redes de Economia Solidária.

O presente estudo é composto por seções interdependentes. Assim, explanou-se inicialmente acerca da economia solidária e redes de relacionamento, temáticas centrais desta pesquisa. Em sequência são apresentados os procedimentos metodológicos, a análise dos dados e as conclusões do trabalho.

ECONOMIA SOLIDÁRIA NO CONTEXTO BRASILEIRO

A Economia Solidária costumeiramente é definida como um modelo produtivo com base sólida na igualdade de direitos. Nesse sistema produtivo, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles. Além disso, os empreendimentos da economia solidária são autogeridos, ou seja, administrados pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática. Desta forma, cada sócio e cada membro do empreendimento tem direito a um voto (SINGER, 2008).

Campello (2003) salienta que a Economia Solidária nega a divisão de classes, ou seja, a existência dos empregadores e dos empregados, assim como da competição dentro das firmas. O espírito de coletividade, inerente a essa nova forma produtiva, institui novos atores na esfera do trabalho, nas estratégias de classe e nas lutas em prol da cidadania em busca do bem-estar, reconhecimento e vida social significativa (VERONESE, 2008).

Originária do cooperativismo europeu do século XIX, a Economia Solidária de natureza associativa e com característica de práticas de cooperação e autogestão nasceu no Brasil ao longo dos anos de 1990, à medida que iniciativas econômicas e políticas despontavam no país (GAIGER, 2013). A nova prática passou a ser uma alternativa tanto para as vítimas do desemprego, excluídos socialmente devido à crise no mundo do trabalho, quanto para aqueles que defendiam moldes de vida e um modelo de produção mais igualitário e socialmente democrático (CAMPELLO, 2003).

Lisboa (2003, p.277) assevera que a Economia Solidária configura-se através de práticas propositivas, “uma negação da economia e da sociabilidade capitalista, pois gesta em seu ventre uma vontade transformadora da sociedade contemporânea”.

Diante de características tão particulares, a Economia Solidária veio a abranger categorias sociais e diversas espécies de empreendimentos. Dentre estes últimos destacam-se: unidades informais de geração de renda, associações de produtores e consumidores, sistemas locais de troca, comunidades produtivas autóctones e cooperativas dedicadas à produção de bens, à prestação de serviços, à comercialização e ao crédito (GAIGER, 2013).

Em todo o território brasileiro surgem empreendimentos referentes à Economia Solidária. Há uma expansão concreta e notória da nova forma de produção. O Sistema Nacional de Informações de Economia Solidária (SIES), mediante um levantamento realizado pelo Ministério do Trabalho e Emprego entre 2010 e 2012, mapeou 19.708 Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) ativos no território brasileiro. Estes se concentram principalmente na área de produção de bens (56,2%). Diante das iniciativas dessa espécie constatou-se o envolvimento de 1.423.631 pessoas (56,4% homens e 43,6% mulheres). Esses empreendimentos encontram-se fortemente concentrados no Nordeste do país (40,8%), seguidos pela região Sul (16,7%), Sudeste (16,4%), Norte (15,9%) e Centro Oeste (10,3%) (BRASIL, 2013).

Coelho (2006) destaca quatro áreas qualificadas como as mais prósperas no seguimento da Economia Solidária, assim ordenadas: a agricultura familiar, a produção de alimentos já preparados, a confecção de gêneros artesanais e a prestação de serviços.

Vale ressaltar, por fim, que grandes são as dificuldades enfrentadas por empreendimentos de cunho solidário. Existem dificuldades visíveis no que se refere à produção e comercialização em grande escala. Os baixos rendimentos mensais dos seus empreendedores, muitas vezes considerados insuficientes, são reclamações constantes. A dificuldade de expor os produtos da Economia Solidária em espaços de comercialização culturalmente frequentados, como no caso dos supermercados, também se apresenta como uma dificuldade para o sucesso dos empreendimentos que fazem parte do ramo em estudo (SCHNEIDER, 2010).

REDES: ASPECTOS ESTRUTURAIS E MOTIVACIONAIS

A utilização das redes de relacionamentos como unidade de análise ressurgiu com base em conceitos elaborados pela sociologia econômica, a qual aplica conceitos da sociologia aos fenômenos econômicos (SWEDBERG, 2004; 2009). Em destaque, Granovetter (1985), em seu artigo seminal sobre embeddedness (imersão), destacou que as atividades econômicas também estavam imersas em redes de relacionamentos interpessoais, contrapondo principalmente teorias econômicas vigentes como a lógica pura de mercado (teoria dos custos de transação). Apesar de focar nas relações econômicas, Granovetter (1985) destaca que o

conceito de imersão em redes pode ser utilizado para estudar qualquer tipo de comportamento, não somente o comportamento econômico.

Nesse sentido, inicialmente é necessário compreender a que se refere conceitualmente o termo redes e por que tipos de componentes sociais são formadas. Pode-se afirmar que as redes são formadas por dois componentes principais: os atores, que abrangem as pessoas, instituições ou grupos, e as conexões ou laços, que são os elos relacionais ou vínculos que ligam os atores (DEGENNE; FORSÉ, 1999; RECUERO, 2009).

O entendimento de fatores motivacionais de cooperação e relacionamento é um importante aspecto a ser analisado pelas pesquisas sociais aplicadas (CRUZ et al., 2013). De acordo com Castilla et al. (2000), os laços entre atores possuem tanto intensidade quanto conteúdo, o qual pode abranger informações, amizade, interesses, entre outros. Assim, pode-se afirmar que os atores criam e mantêm relacionamentos porque têm interesse na cooperação (DO NASCIMENTO, LABIAK JÚNIOR, 2011). Mizruchi (2006) classifica o interesse em dois tipos: individual e estrutural. O interesse individual é o interesse real de um ator que não sofre restrições externas. Por sua vez, o interesse estrutural é o interesse de um ator quando este sofre restrições externas, i.e., pressões por outros atores ou instituições.

As redes, que são formadas pelo conjunto de nós e laços, podem ser apresentadas por meio de sociogramas. Segundo Vaz (2009, p. 67-68), “os sociogramas são representações gráficas das relações existentes em um grupo de indivíduos e,

mais do que um método de apresentação, os sociogramas constituem um método de exploração, uma vez que possibilitam a identificação de fatos sociométricos e a análise estrutural de uma comunidade”.

Segundo Cruz (2012), os laços podem ser classificados como fortes ou fracos. Os laços fortes incluem contatos frequentes e/ou próximos, como no relacionamento entre amigos e familiares no âmbito do indivíduo e como parceiros, clientes e fornecedores no âmbito das organizações (BORGES, 2004). Já as conexões fracas são caracterizadas pela pouca proximidade e pela baixa frequência, como nas relações com consultores, parceiros de negócios em geral, entre outros (GRANOVETTER, 1973; BORGES, 2004). Os laços também podem ser classificados como formais, como os de natureza contratual; ou informais (BIRLEY, 1985).

A análise estrutural de uma rede social, temática central do estudo em questão, pode ser examinada a partir de diferentes óticas; a força ou aspectos formais das interações são apenas algumas dessas opções. Além disso, é possível tratar a temática sob o ponto de vista do tamanho, grau nodal ou centralidade e densidade das redes. Um indicador de centralidade muito utilizado é a centralidade de grau, que é a contabilização de laços diretos que um ator possui (FREEMAN, 1979).

Para Gómes, Gonzalez-Aranguena, Manuel et al. (2003), um indivíduo é central quando está em uma situação vantajosa de comunicação direta com vários outros, ou está próximo de muitos, ou ainda quando há muitos atores que o utilizam como intermediário em suas comunicações. Júnior et al.,

(2013, p.22) afirmam que as “métricas de centralidade quantificam o quão próximo os nós estão direta ou indiretamente conectados com outros nós na rede”. Em geral, a posição central possibilita um melhor aproveitamento dos recursos oriundos dos vários agentes que a cercam (HANNEMAN, 2001). Já a densidade é a “[...] proporção entre o número de relações existentes e o máximo de relações possíveis” (QUANDT; CRUZ; LEMOS, 2011, p. 178). Segundo Júnior et al. (2013), uma alta densidade dentro de uma rede de colaboração pode facilitar a troca de informações.

Muitas pesquisas destacam o potencial das redes sociais na promoção de recursos para as organizações. As redes contribuem para o fomento de ideias, aconselhamento, promoção e utilização de recursos. Além disso, as relações em rede costumam ser percebidas como potenciais fontes de vantagem competitiva no processo empreendedor (BRUSH, GREENE e HART, 2001; BARNIR e SMITH, 2002; BIRLEY, 1985).

Borges, Simard e Filion (2005) destacam a importância das redes no estímulo de ideias empreendedoras. No estudo desses autores, verificou-se que 30,1% dos empreendedores tiveram no mínimo parte da ideia de negócio ao conversar com clientes potenciais e 25,5% ao conversar com familiares ou amigos.

Greve e Salaff (2003) enfatizam a importância dos contatos para aumentar a quantidade de recursos disponíveis para as organizações, sustentando empreendimentos em fase inicial de desenvolvimento. Borges (2011) afirma que quanto mais diversa for a rede de contatos de um

empreendedor, mais possibilidades ele tem de acessar recursos importantes, como informações e conhecimentos tecnológicos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é caracterizada como um estudo de caso, eminentemente descritivo sob sua forma, com abordagem de coleta e análise qualitativa, cujo objetivo central é descrever a estrutura relacional e as motivações da Rede de Economia Solidária da Região Metropolitana de Curitiba-PR.

De abordagem quali-quantitativa e fundamentalmente interpretativista, o presente estudo permite ao pesquisador ter uma visão holística do fenômeno (CRESWELL, 2010). Quanto à dimensão tempo, esta é de corte transversal e, assim, o evento foi observado diante de um “corte” temporal.

Foram 16 empreendimentos investigados, sendo todos componentes da Rede de Economia Solidária da Região Metropolitana de Curitiba-PR. Para acessar os elementos do estudo, utilizou-se da técnica snowball, visto que foram utilizadas cadeias de referência, que se definem por uma espécie de rede, para descobrir os integrantes da rede supracitada. O ponto de saturação da pesquisa ocorreu quando os novos inquiridos passaram a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, passando a não contribuir de forma relevante para o estudo. Assim, a saturação ocorreu quando não foram citados novos empreendimentos sociais na região de Curitiba.

Para os fins deste estudo, os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada e questionário. Em um primeiro momento foi realizada a entrevista semiestruturada com a empreendedora social representante da Trilhas Incubadora Social Marista, que deu subsídios para elaborar o questionário e identificar os primeiros atores da rede supracitada, os quais deveriam ser contatados (NELMA; BAGATIN, 2011). O questionário logo passou a ser aplicado aos atores destacados durante a mencionada entrevista. Estes passaram, por sua vez, a indicar diversos outros atores que possuíam conexões com a rede citada e que, em sequência, responderiam ao mesmo questionário.

Os dados foram sintetizados por meio do programa Excel e analisados por meio de sistemas de análise de redes sociais (Ucinet e Netdraw). Na planilha Excel, os dados foram inicialmente organizados em uma sociomatriz retangular de 16 linhas por 37 colunas. Em seguida, foi elaborada uma matriz quadrada, na qual as 21 linhas adicionadas foram preenchidas com zero, pois não foram levantadas as indicações de relacionamentos desses atores. A sociomatriz não foi simetrizada, pois foram diferenciadas as indicações realizadas das indicações recebidas por cada ator. Por fim, aos achados foi aplicada a análise de conteúdo.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A ESTRUTURA RELACIONAL DA REDE

A partir dos dados coletados foi construída uma matriz relacional, elemento essencial para pesquisas que utilizam análise de redes sociais, pois tal matriz é utilizada como base para a construção dos

sociogramas (gráficos de redes), onde cada linha da matriz representa as indicações enviadas de um ator, enquanto cada coluna representa as indicações recebidas. Se determinado ator conhece outro, o cruzamento linha x coluna é marcado com o número um (1). Caso não haja relação entre eles o número zero (0) é marcado. A diagonal principal é desconsiderada, pois representa uma indicação de si mesmo.

A partir da matriz relacional, foi possível identificar (Quadro 1), de forma ordenada, os atores que mais realizaram indicações (Quadro 2) e os atores que mais receberam indicações. Desta forma, concluiu-se, entre outras evidências, que o ator denominado “Trilhas Incubadora Social Marista” foi a organização que mais realizou indicações (34). Em seguida, identificamos os empreendimentos de São José dos Pinhais, apresentando a seguinte sequência: o empreendimento SJP2 com 19 indicações e os grupos SJP7, SJP10 e SJP12 com 15 indicações cada. Os demais grupos da mencionada região, individualmente, realizaram 13 indicações. Com relação aos grupos FAZ1 de Curitiba e FRG1 de Fazenda Rio Grande, estes indicaram apenas 6 e 3 outros atores respectivamente.

Em relação às indicações recebidas (Quadro 2), a Trilhas Incubadora Social Marista ficou novamente em primeiro lugar, pois recebeu todas as indicações possíveis. Tal fato é fortemente influenciado pela utilização da metodologia snowball, que teve como origem a própria incubadora Trilhas e que se limitou aos empreendimentos sociais. A segunda instituição mais indicada foi a Secretaria do Trabalho, Emprego e Economia Solidária da Prefeitura de São José dos

Pinhais-PR, com 13 indicações. Do terceiro até o décimo quarto lugar estão os empreendimentos de São José dos Pinhais, com 12 indicações cada. Outras organizações que merecem destaque são a Secretaria do Trabalho de Curitiba, a CARITAS e a incubadora social da Universidade Federal do Paraná (UFPR) com 4 indicações cada, além da Secretaria Nacional de Economia Solidária com 3 indicações. Todas as organizações restantes receberam apenas 1 ou 2 indicações.

Quadro 1- Indicações Realizadas

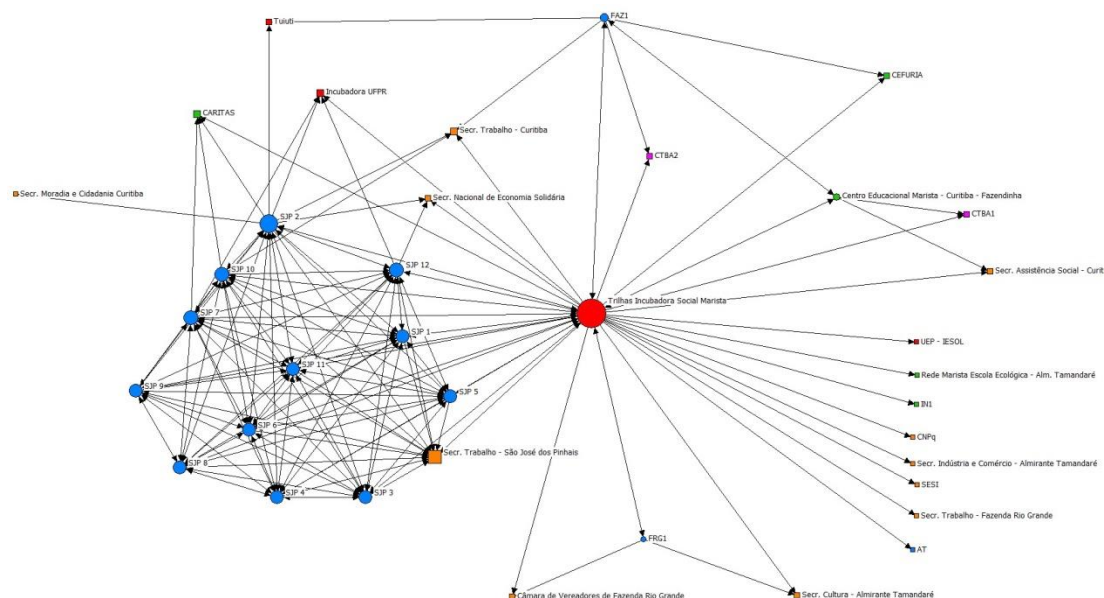
N	Organização	Indicações Realizadas
1	Trilhas Incubadora Social Marista	34
2	SJP 2	19
3	SJP 7	15
4	SJP 10	15
5	SJP 12	15
6	SJP 4	13
7	SJP 5	13
8	SJP 9	13
9	SJP 3	13
10	SJP 6	13
11	SJP 1	13
12	SJP 11	13
13	SJP 8	13
14	FAZ1	6
15	Centro Educacional Marista - Curitiba - Fazendinha	4
16	FRG1	3

Frente aos Quadros 1 e 2 e levando-se em consideração o critério grau de centralidade, o qual avalia o número de relações diretas em uma rede, é possível assegurar que a Trilhas Incubadora Social Marista desponta como o ator central da rede sob análise.

Quadro 2 - Indicações recebidas

N	Organização	Indicações Recebidas
1	Trilhas Incubadora Social Marista	15
2	Secr. Trabalho - São José dos Pinhais	13
3	SJP 1	12
4	SJP 2	12
5	SJP 3	12
6	SJP 4	12
7	SJP 5	12
8	SJP 6	12
9	SJP 7	12
10	SJP 8	12
11	SJP 9	12
12	SJP 10	12
13	SJP 11	12
14	SJP 12	12
15	Secr. Trabalho - Curitiba	4
16	CARITAS	4
17	Incubadora UFPR	4
18	Secr. Nacional de Economia Solidária	3
19	FAZ1	2

Figura 1- Sociograma dos atores da economia solidária (centralidade de grau)



Ante os dados dos quadros destacados e diante das afirmações realizadas por Gómes et al. (2003), infere-se que a Trilhas Incubadora Social Marista comunica-se diretamente e/ou costuma ser próxima de muitos atores participantes da rede sob análise. Numa posição mais vantajosa e mais independente, quando comparada aos demais integrantes, a Trilhas pode fazer uso de formas alternativas para aproveitar e coordenar os recursos da rede (HANNEMAN, 2001).

A densidade da rede também foi calculada por meio da matriz relacional. O cálculo consiste em dividir o número de relações existentes pelo número de relações possíveis. A densidade da rede como um todo (matriz quadrada) foi de 16,14%. Contudo, como apenas 16 atores foram entrevistados, uma densidade ajustada foi calculada considerando apenas as indicações dos atores entrevistados (matriz retangular), a qual resultou em 37,33%. Ambos os resultados demonstram uma baixa densidade da rede, ou seja, há poucos atores que se relacionam mutuamente, dificultando o compartilhamento de informações entre os integrantes da rede, bem como entraves para troca e mobilização de recursos e consequente solução de problemas (HANNEMAN; MARK, 2005, ANKLAM, 2003).

A distância geodésica, que representa o número mínimo de intermediários para encontrar outro ator na rede, foi calculada por meio do programa UCINET e o resultado foi 1,634. Assim, a partir de 1 ou 2 intermediários é provável que um ator se relacione com outros na rede. Diante do resultado encontrado é possível afirmar que os atores da rede em questão

relacionam-se entre si mediante graus de autonomia e/ou independência relevantes (LEMIEUX; OUIOMET, 2004), ou seja, embora a densidade seja percebida como baixa, o acesso aos atores pode facilmente ser estimulado por meio de 1 ou 2 contatos, sendo considerado um cenário favorável a novas interações (CRUZ, 2007).

A figura 1, a seguir, apresenta o sociograma da rede de Economia Solidária da Região Metropolitana de Curitiba. Destaca-se que o tamanho dos nós representa a centralidade de grau total de cada ator e a distância entre os atores é a distância geodésica, i.e., a menor distância possível entre os atores. No centro da figura, em vermelho, está localizada a Trilhas Incubadora Social. Na esquerda estão localizados os 12 empreendimentos de São José dos Pinhais em azul. Como é possível observar, essa é a parte mais densa da rede, pois todos os empreendimentos se relacionam uns com os outros, além da Secretaria de Trabalho, Emprego e Economia Solidária de São José dos Pinhais. Na parte superior está localizado o empreendimento FAZ1 de Curitiba, em azul, com 6 relações, e na parte inferior está localizado o empreendimento FRG1 de Fazenda Rio Grande, também em azul, com 3 relações.

Nesse contexto, o presente status de apresentação e análise dos dados demonstra claramente a representação de centralidade e relacionamento de cada um dos atores, revelando especial importância a Incubadora Social Marista denominada Trilhas. Recordando que, além de aspectos estruturais da rede, este estudo também analisou seus aspectos motivacionais, os quais serão abordados na próxima seção.

MOTIVAÇÕES PARA ATUAÇÃO EM REDE

Diante dos relatos de empreendedores que atuam na Rede de Economia Solidária da Região Metropolitana de Curitiba-PR, ficou evidente que estes atuam na rede em questão motivados pela possibilidade de capturar recursos das mais variadas espécies ou ainda sanar dificuldades comerciais. Essa postura é interessante, visto que, para crescer e se desenvolver, as empresas necessitam identificar e acessar diferentes tipos de recursos (BRUSH, GREENE, e HART, 2001). Vinhas e Becker (2006) ainda destacam que a reunião das empresas em redes possibilita a realização de ações conjuntas, o que facilita a solução de seus problemas e a viabilização de novas oportunidades, proporcionando assim a melhoria coletiva do desempenho organizacional.

O Quadro 3 sintetiza os motivos salientados pelos inquiridos que justificam sua participação na Rede em destaque.

Analisando o Quadro 3, averiguou-se que os integrantes da rede citam diversos motivos que justificam sua participação numa estrutura de rede. Em especial, é possível destacar a possibilidade de participar em cursos, palestras, oficinas, enfim, capacitações de modo geral. Isso mostra que os inquiridos têm consciência de que o capital humano é fator determinante para a competitividade dos seus negócios e assim dão grande importância ao

processo de capacitação dos integrantes da rede. Boog (2007) afirma que quanto mais preparados e mais competentes são as pessoas que constituem uma organização, maiores serão as oportunidades de geração de novas alternativas da vantagem competitiva.

A aquisição de informações e a possibilidade de incidir politicamente no grupo são também fortes motivos que justificam a atuação de forma coletiva e solidária. Em menor número, ainda é possível destacar os integrantes que citam estarem motivados a fazer parte da rede diante da possibilidade de comprar coletivamente, do acesso a financiamento, aquisição de espaço físico e incubação, além da possibilidade de conquistar assessoria jurídica, articulação política, apoio logístico e da concepção do negócio.

Corroborando com os achados dos estudos desenvolvidos por Fuller-Love e Thomas (2004) e Cruz et al. (2011), constatou-se que a atuação em redes, em geral, contribui para a captação de informações, solução de problemas, melhoria de eficiência e compartilhamento de recursos de um modo geral. Já Wittmann et al. (2003) verificaram, dentre outras coisas, que a atuação coletiva fortalece o poder de negociação dos integrantes da rede.

Quadro 3- Motivações para atuar em rede

Instituições	Motivo(s) para atuar em rede
Trilhas	Apoio para a criação e incubação do empreendimento, acesso a redes e financiamento, incidência política, mobilização de recursos das mais variadas espécies.
FRG1	Conquista de espaço físico, incidência política, divulgação do empreendimento e aquisição de treinamentos.
FAZ1	Aquisição de recursos advindo de doações (ex. verduras e cadernos para cursos, café, espaço em feiras internas), acesso a financiamentos, incidência política, participação em cursos, feiras, participação em feiras de trocas, reuniões sobre feiras, capacitações.
SJP 1	Participação em feiras, cursos, reuniões e fóruns.
SJP 2	Aquisição de informações, incidência política, participação em feira e cursos.
SJP 3	Participação em feira e cursos, espaços para reuniões e aquisição de informações, possibilidade de compartilhar quiosques de vendas, transporte para feiras.
SJP 4	Captação de informações, participação em cursos, feiras e reuniões.
SJP 5	Participação em cursos, feiras, reuniões e captação de informações.
SJP 6	Captação de informações, participação em cursos, feiras e oficinas.
SJP 7	Incidência política, participação em feiras, viagens e cursos, aquisição de informações e quiosques.
SJP 8	Participação em feiras e cursos, aquisição de informações e quiosques.
SJP 9	Participação em feiras, oficinas e cursos acerca de economia solidária, captação de informações.
SJP 10	Participação em feiras, oficinas, palestras e capacitações.
SJP 11	Captação de informações, participação em palestra e reunião, apoio para realização de feira.
SJP 12	Aquisição de informações, participação em feira, cursos, seminários, fóruns, aquisição de quiosque e possibilidade de articulações em rede.

Dentre os atores considerados essenciais no desenvolvimento da Rede, evidenciado pela sua capacidade atual de relacionamento e por seu papel descrito por meio das inquirições, tem-se como destaque a Trilha Incubadora Social Marista, ator central na rede de Economia Solidária. Dentre outras características no propósito essencial da presente pesquisa, pode-se ressaltar a congruência dos objetivos, as formas de participação e motivação entre os atores, o que deve fomentar o fortalecimento de seus elos e efetividade ao longo do tempo, fato que poderá ser evidenciado em pesquisas futuras por meio da identificação de novos

atores e do fortalecimento da centralidade dos atores de forma individual e do aumento da densidade geral da rede.

CONCLUSÕES

Motivado pelo propósito de identificar a estrutura relacional e as motivações da Rede de Economia Solidária da Região Metropolitana de Curitiba, o presente trabalho possibilitou a identificação do status atual da rede em seu contexto ainda reduzido, em fase embrionária de formação. Composta por 16 integrantes, a rede tem na Trilhas Incubadora Social Marista seu ator central, sendo este o principal elo

de conexão entre os integrantes do grupo de Economia Solidária. A interação mais visível é vista na relação entre os 12 empreendimentos de São José dos Pinhais.

Sob seu contexto estrutural, a rede possui baixa densidade, pois foram constatados poucos relacionamentos dentro dela. A distância geodésica explicitou graus de autonomia e/ou independência relevantes na interação entre os atores da rede.

Com relação aos motivos, estes se apresentam diversificados, porém congruentes. Os atores destacam, entre outras, a possibilidade de desfrutarem de cursos, palestras, oficinas, capacitações de um modo geral. São ainda motivos considerados para atuar em rede: facilidade de acesso a informações, possibilidade de incidir politicamente, comprar coletivamente, acesso a financiamento, aquisição de espaço físico, incubação, assessoria jurídica, articulação política, apoio logístico e a concepção do negócio.

Vale ressaltar que o presente trabalho não teve a pretensão de ser conclusivo, mas de contribuir para o conhecimento acerca da estrutura relacional de uma rede de economia solidária e dos motivos que levam alguns atores a fazerem parte dela. Como sugestão de estudos futuros indicam-se pesquisas mais abrangentes, onde seja possível contemplar todos os componentes envolvidos na Rede de Economia Solidária da Região Metropolitana de Curitiba. Um estudo longitudinal também pode ser muito útil para se averiguar a evolução dos contatos, motivos e complexidade estrutural desta rede no decorrer dos anos.

Por fim, embora o escopo do presente objetivo apresente-se demasiadamente limitado, este se mostra de extrema importância para a mensuração do impacto da Rede sobre a performance de seus atores no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANKLAM, P. KM and the social network. **Inside Knowledge**, v. 6, n. 8, p. 24-28, 2003.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. X Congresso Nacional de Educação – EDUCRE/I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE. Curitiba, PR, 7ª 10 de novembro, 2011. **Anais...**, p.329-41.
- BARNIR, A.; SMITH, K. A. Interfirm alliances in the small business: The role of social networks. **Journal of Small Business Management**, v. 40, n.3, p. 219-232, 2002.
- BIRLEY, Sue. The role of networks in the entrepreneurial process. **Journal of Business Venturing**, New York, v.1, n.1, p. 107-17, 1985
- BIRLEY, Sue. The role of networks in the entrepreneurial process. **Journal of Business Venturing**, New York, v.1, n.1, p. 107-17, 1985.
- BORGES, C. Especificidades e contribuições das redes informacionais para o desenvolvimento de pequenas e médias empresas do setor de vestuário. **Revista Gestão & Tecnologia**, vol 4 p.1-23, 2004
- BORGES, C.; SIMARD, G.; FILION, L. J. **Venture creation processes in Quebec – research findings 2004-2005** (Chaire d'Entrepreneuriat, 2005-07). Montréal, CA: HEC, 2005.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Boletim Informativo n. 34 - Edição Especial: Divulgação do dados do Sistema de Informações de Economia Solidária -SIES**, 2013.
- BRUSH, C. G.; GREENE, P. G.; HART, M. M. From initial idea to unique advantage: the entrepreneurial challenge of constructing a resource base. **Academy of Management Executive**, v. 15, n. 1, p. 64-80, 2001
- CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v.32, n. 3, p.28-37, set./dez.2003.
- COELHO, J. Economia solidária e desenvolvimento sustentável: análise preliminar visando avaliar os espaços da economia solidária no RS. **XLIV Congresso da SOBER “Questões Agrárias, Educação no Campo e Desenvolvimento”**. 2006.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta 3ª edição Dirceu da Silva. Porto Alegre: Artmed, 2010, 296p.
- CRUZ, J. A. W. **A União Faz a Força: A cooperação como estratégia de sobrevivência organizacional**. Curitiba: editora Protexito, 2007.
- CRUZ, J. A. W. **A Relação entre Estrutura de Redes Sociais e Desempenho: Um estudo de caso de associações de carrinheiros no Paraná – Brasil**. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Administração. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2012.

CRUZ, J. A. W.; MARTINS, T. S.; MARTINS, R. R. R.; KATO, H. T. **A network temporal analysis: a series from 2007 to 2009 of a Brazilian renewable materials network**. Strategic Management Society, 2011.

CRUZ, J. A. W.; QUANDT, C. O.; MARTINS, T. S.; KATO, H. T.; MARTINS, R. R. R. **How Does The Structure Of Social Networks Affect The Performance Of Its Actors? – A case study in the Brazilian context**. Academy of Management, 2013.

DEGENNE, A.; FORSÉ, M. **Introducing social networks**. London: Sage, 1999.

DO NASCIMENTO, D. E.; LABIAK JUNIOR, S. **Ambientes e dinâmicas de cooperação para inovação**. Curitiba: Aymarâ, 2011.

FAUST C.; WASSERMAN S. **Social Network Analysis: Methods and Applications**, Cambridge University Press, Cambridge, 1995

FREEMAN, L. C. Centrality in social networks: conceptual clarification. **Social Networks**, v. 1 n. 3, p. 215-239, 1978-1979.

FULLER-LOVE, N.; THOMAS, E. Networks in small manufacturing firms. *Journal of Small Business Development* v. 11, n. 2, p. 244-253, 2004.

GAIGER, L. I. A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 28 nº 82, junho/2013.

GÓMES, D. et al.. Centrality and power in social networks: a game theoretic approach. **Mathematical Social Sciences**, v.46, p.27-54, 2003.

GRANOVETTER, M. The strenght of weak ties. **The American Journal of Sociology**, v. 78, p.1360-1380, 1973.

GRANOVETTER, M. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. **American journal of sociology**, p. 481-510, 1985.

GREVE, A.; SALAFF, J.W. Social Networks and Entrepreneurship. **Entrperneuship Theory e Practice**, v. 28, n. 1, p. 1-22, 2003.

HANNEMAN, R. A. **Introduction to Social Network Methods**. Riverside: University of California, 2001. Disponível em: <http://www.researchmethods.org/NETTEXT.pdf>. Acesso em: 20 out. 2014.

HANNEMAN, R. A.; MARK, R. **Introduction to social network methods**. Riverside, CA: University of California, 2005.

JUNIOR, J C P; PROCHAZKA, F.; Marques, A. C. R.; COSTA, V. B.; SANTANA, A. T. F Análise de redes sociais em projetos: um mapeamento sistemático com foco na estrutura de times em projetos de software. **Revista Brasileira de Administração Científica**, Aquidabã, v.4, n.2, Ago 2013.

LEMIEUX, Vincent; OUIOMET, Mathieu. **Análise Estrutural das Redes Sociais**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

LISBOA, A. M. Economia Solidária, economia barroca: a emergência da sócio Economia Solidária na América Ibérica (**tese de doutorado**). Portugal: Universidade Técnica de Lisboa, 2003.

LISBOA, Armando de Melo. Economia solidária e autogestão: imprecisões e limites. **Revista de administração de empresas**, v. 45, n. 3, p. 109-115, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rae/v45n3/v45n3a06>>. Acesso em: 02 out. 2014.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE. **O que é Economia Solidária**. Disponível em: < <http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/o-que-e-economia-solidaria.htm>>. Acesso em 02 out. 2014.

MIZRUCHI, M. S. Análise de redes sociais: avanços recentes e controvérsias atuais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. 3, p. 72-86, 2006.

POCHMANN, Marcio. Economia solidária no Brasil: possibilidades e limites. **mercado de trabalho**, v. 24, p. 23, 2004. Disponível em: < http://www.ufpa.br/itcpes/documentos/es_possibilidades_e_limites.pdf>. Acesso em: 02 out 2014.

QUANDT, C. O.; CRUZ, J. A. W.; LEMOS; I. S. Análise de redes de inovação em arranjos produtivos locais: o caso do APL de malharias de Imbituva – Paraná. In CRUZ, J. A. W.; MARTINS, T. S.; AUGUSTO, P. O. M., (Orgs.). **Redes sociais e organizacionais em administração**. Curitiba: Juruá, 2011. cap 7, p. 171-200.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SCHNEIDER, E. C. As potencialidades da economia solidária na redução das desigualdades de gênero. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, RS, v. 23, set.-dez. 2010.

SCOTT, J.. **Social network Analysis: a handbook**. London: SAGE, 2000.

SINGER, P. Economia solidária. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 288-314, abr. 2008.

SWEDBERG, R. Sociologia econômica: hoje e amanhã. **Tempo Social**, v. 16, n. 2, p. 7-34, 2004.

SWEDBERG, R. A sociologia econômica do capitalismo: uma introdução e agenda de pesquisa. In A. C. B. MARTES (Orgs.). **Redes e sociologia econômica**. São Carlos: EdUFSCar, 2009, cap 5, p 161-206.

VAZ, Glauber José. A construção dos sociogramas e a teoria dos grafos. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 17, n. 2, p. 67-78, 2009.

VERONESE, M. **Psicologia social e economia solidária**. São Paulo, Ideias & Letras, 2008.

VINHAS, A. P. L. C.; BECKER, G. V. Redes de cooperação interorganizacional: O caso da rede macsul. **Revista Análise**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 167-184, janeiro/julho, 2006.

WITTMANN, M. L.; NEGRINI, F.; VENTURINI, T. As redes empresariais como alternativa para aumentar a competitividade de empresas do setor varejista. In: ENCONTRO DE ESTUDOS EM ESTRATÉGIA, 3, 2003, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Anpad, 2003.

AUTORES

Gustavo Dambiski Gomes de Carvalho,

Vinculado ao Instituto Federal do Paraná - IFPR.

Rúbia Oliveira Corrêa,

Vinculado ao Instituto Federal do Paraná - IFPR.

June Alisson Westarb Cruz

Vinculado a Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR.